

KURSO KUIR

PERSPECTIVAS LATINAS



ZINE ELABORADO PARA O CURSO KUIR DO EVENTO **MONSTRUOSAS** EM RECIFE/PE NO ANO DE 2015

AGRUPAMENTO DE TEXTOS COM FOCO EM PERSPECTIVAS LATINAS.

---

Impregnadas de revolta, há muito colonizadas, roubadas de nossas liberdades, manipuladxs para nos envergonharmos de nossa cor, sexualidade, etc, fomos encarceiradxs num cis-tema heterokapitalista e chamadas de demônias, monstrxs.

Indixs, negrxs, mulheres, putas, trans... chamadas de monstrxs e jogadas a marginalidade.

Alguns grupos antisexistas acreditam que a pornografia, a prostituição e termos usados para ofender não machos (vadia, bicha, sapatão, travesti) são possíveis de serem ressignificados. A pós-pornografia seria uma desprogramação da pornografia convencional para uma expansão de possibilidades de prazeres e práticas sexuais sob uma perspectiva não heterossexual e machulenta. Nossa monstruosidade também faz parte de nossas subversões cotidianas.

A indústria pornográfica é a indústria que vende mulheres e as objetifica, estimulando desejos e práticas baseadas na cultura do estupro. Uma indústria centrada nos genitais é uma indústria violenta com a nossa sexualidade.

A estimulação de desejos da pornografia cria realidades truculentas para as mulheres, influenciando os modos de lidar com o corpo. A baixa autoestima resultante da comparação com desempenhos e corpos de mulheres idealizadas nos filmes pornôs, a necessidade de depilação, a escolha da cor do cabelo, a escolha do sapato, a preferência das posições sexuais etc. A pornografia que conhecemos é a tradução da falsa liberdade sexual que vivemos. Não somos buracos para os machos meterem quando e como bem querem, somos monstros que queremos o prazer que nós podemos sentir, não como em um fetiche heterocentrado no qual só quem se delicia são os machos ávidos por nossa humilhação.

Queremos nos fortalecer e não precisamos da autorização de nenhum órgão ou instituição para construirmos outras alternativas e vidas fora do padrão.

Pensemos na interseccionalidade, em guerra de classes, em corpos historicizados. Acabemos com as dicotomias, não estamos certas, estamos sendo oprimidxs e a colonização se mantém com o discurso rígido e fechado de uma manipulação de sociedades e nós, sudakas, subdesenvolvidas, não temos que entrar nessa dança coreografada, queremos dançar livremente nossos corpos ditos fracassados. A beleza mercadológica é uma farsa implantada, somos as monstros procurando autonomias e fortalecimentos com pessoas que também são jogadas às ruas.

**Pós identitárias, complexas, mutantes, anti-família, anti-estado, anti-homem, pró aborto, monstruosas!**

---



---

ILUSTRAÇÃO POR "3kc"

---

# Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca<sup>1</sup>, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma<sup>2</sup>

HIJA DE PERRA

Fui chutada pelos meus pais e recolhida por minha avó. Minha avó jamais me chamou pelo meu nome, sempre me disse Hija de Perra<sup>4</sup>, e terminei me encantando pelo nome; sim, as pessoas me humilharam toda a vida. Isso é normal? Claro que sim. Quantas pessoas são humilhadas a vida toda? (Fragmento do documentário Perdida Hija de Perra)

Atravessando o olhar virgem e magicamente seduzido de nossos ancestrais latino-americanos, chegou em um fabuloso barco místico a famosa idealização ocidentalizada da sexualidade, lamentavelmente manipulada pela instituição da igreja, derramando-se nestas terras os novos e péssimos pensamentos que se instalaram sob um saque e um sangrento ultraje que permanece intacto até os nossos dias, com o objetivo de normalizar, sob arrepiantes e ignorantes parâmetros, as bestas selvagens que viviam neste desconhecido paraíso.

É impressionante como se espalhou esta nova forma de pensamento e sua representação mágica, mística, religiosa, obrigatoriamente imposta que hoje assombrosamente a temos inscrita no fluxo neuronal e em cada célula que compõe o nosso corpo mestiço.

Assim, em uma terra onde não existiam as distorcidas leis católicas foram se impondo ideais alheios com morte e violência a cada setor onde se propagou esta escória tormentosa que aniquilou nossa originária e rica cultura indígena.

Os conquistadores olharam aos homens indígenas como seres selvagens afeminados por conta da sua ornamentação e às mulheres como fofas por terem parte dos corpos desnudos.

<sup>1</sup> Sudaca poderia ser traduzido por sul-americano, contudo, preferimos manter a palavra no idioma original, por tratar-se também de um xingamento que é ressignificado pela autora. Hija, portanto, localiza sua fala a partir dessa tensão Norte x Sul, Normal x Abjeto.

<sup>2</sup> Texto lido no Congresso "El sexo no es mio", na 1ª Bienal de Arte e Sexo, realizado em Santiago do Chile durante os dias 26, 27 e 28 de novembro de 2012. Traduzido para a Língua Portuguesa por Helder Thiago Maia.

<sup>3</sup> Segundo Juan Pablo Sutherland, em Pagina 12, Hija de Perra foi parte de uma geração que encarnou nos últimos 12 anos uma importante crítica às formas tradicionais de entender a sexualidade e à sua construção normativa no mundo já institucionalizado da diversidade sexual da sociedade chilena. Questionando através de uma poética abjeta e monstruosa as práticas políticas de normalização das sexualidades minoritárias, HDP realizou intervenções políticas a partir dos circuitos marginais de Santiago. Por trás de Hija de Perra, entretanto, estava um artista jovem e excepcional que sempre operou discursivamente no Chile a partir da sua personagem, um território artístico surgido da precariedade tomada como potência criativa e fortaleza. HDP protagonizou o filme Empaná de Pino, de Wincy, que se tornou obra de culto, levando-a ao centro de uma cinematografia travesti. Hija morreu no final de agosto de 2014.

<sup>4</sup> Poderíamos traduzir como filha de uma cadela ou filha da puta.

---

---

Nossos ancestrais foram vestidos com roupas estranhas à sua cultura original, cortaram os seus cabelos para diferenciá-los entre homens e mulheres e não permitiram, tomando-as por aberração, todas as práticas intersexuais que produziam alterações à moralista mente espanhola.

Hoje ainda estamos expostos a parâmetros herdados por estes violentos conquistadores através de uma valoração social, moralista e religiosa, que mudou para o bem e para o mal, ordenando essas estúpidas formas de pensamento em nossa vulnerável e adormecida sócio cultura latino-americana.

Existimos desde que nos descobriram?

Parece ser que nossa voz só se valoriza quando o dominante nos encontra, nos faz existir. Como se a história anterior à colonização não existisse e tudo partisse do descobrimento da América para estes indivíduos que não sabiam nem sequer onde estavam e que nós existíamos havia muitos anos livres das suas misérias imundas.

De onde falamos hoje em dia? De uma terra com história ou de um novo terreno descoberto por outros?

Hoje falo situada geograficamente no Sul, mas muitas vezes parece que me valido falando a partir do Norte, como seguindo um pensamento que nos guia a matriz do dominador. Refiro-me com isto a como os novos saberes de Gênero se acumulam de repente em nossos limites territoriais e nos enquadram com novas etiquetas para fomentar e entender o exercício da existência e suas diferenças sexuais.

Assim, hoje em dia os do Norte nos indicam uma nova leitura para compreender o que já existia em nossas terras... Sim! A cultura da viadagem sempre existiu dentro de nossos limites, mas não se havia focado sob um olhar que unisse esses fatos como matéria de luta ao modo de uma tropa ou um movimento no sentido do percurso histórico das novas identidades sexuais e suas manifestações socioculturais implícitas.

Por exemplo, como narra o escritor Juan Pablo Sutherland, em seu livro *Nación Marica*: "nos anos setenta e oitenta na América Latina os crimes contra homossexuais seguem sendo uma realidade cotidiana no Brasil, na Argentina e no resto da região, (...) deixando um rastro de sangue difícil de apagar. Nesses anos (...) grande parte da América do Sul estava governada por ditaduras militares e surgiram incipientes iniciativas diante da brutal repressão. Na Argentina, nasce no meio dos anos setenta a Frente de Liberação Homossexual, liderado pelo poeta e antropólogo Néstor Perlongher (...). No Chile, no início do governo da Unidade Popular, se organizava o primeiro motim homossexual na emblemática Praça de Armas de Santiago, manifestação categorizada pelos meios de esquerda como degradante e perversa"<sup>5</sup>

Parece que tudo o que tínhamos feito no passado, atualmente se amotina e se harmoniza dentro do que São Foucault descrevia em seus anos na História da Sexualidade e que mesclado com os anos de maravilhoso feminismo finalmente acabam no que Santa Butler inscreveu como queer.

Sou uma nova mestiça latina do Cone Sul que nunca pretendeu ser identificada taxonomicamente como queer e que agora, segundo os novos conhecimentos, estudos e reflexões que provem do Norte, encaixo perfeitamente, para os teóricos de gênero, nessa classificação que me propõe aquele nome botânico para minha mirabolante espécie achincalhada como minoritária.

Quando vislumbrei a tragicomédia de fazer distinção radical na diferença e não simpatizar com o binarismo de gênero instaurado, pensei que somente era um humano deformado, inadequado, muito afeminado, com um corpo biologicamente reconhecido como masculino, logicamente em pecado, desmensuradamente aproximado ao anormal, perverso e desviado, aprisionado como um sujeito imoral que não merecia entrar no reino dos céus, que devia pedir clemência e me corrigir desta transtornada e frenética patologia que me fazia sair do politicamente correto e estabelecido como natural dentro dos meus limites geopolíticos.

5 Sutherland. Juan Pablo. *Nación Marica: prácticas culturales y crítica activista*. Ripio Ediciones, Santiago, 2009, p. 14.

---

---

Resolvi com valentia enfrentar aos outros e fui me nutrindo de insólitas estupidezes em torno às construções sociais em nosso acontecer sul-americano, vivendo em carne própria a opressão e a hostilidade junto ao gozo discriminador do outro que se sente superior e correto, destruindo a integridade pessoal e jogando no lixo a dignidade humana.

Na minha infância nunca me identifiquei com este binarismo, sentia que naturalmente encaixava em outra situação muito mais harmônica, e brinquei os jogos infantis de ambos os lados, entre jogar futebol, brincar com barbies, beijar garotas e garotos, definitivamente minha infância foi sensacional, plural e nunca nenhum garoto me insultou, ao contrário, tudo transcendia muito naturalmente dentro do livre fluir da vida.

Na década de 80, aos 5 anos de idade, me inscreveram por obrigação em um colégio católico só de homens. A situação em si me parecia bem estapafúrdia. Todas as manhãs rezava à Virgenzinha para que me convertesse em princesa e quando meus compainheirinhos de curso brincavam de guerra das galáxias eu era sempre a princesa Leia. Sempre que tomava a mão dos meninos aos quais sentia atração, a professora gritava de longe "os meninos não andam de mãos dadas"... minha mente ignorante da heteronorma não compreendia esses gritos que impediam minhas liberdades infantis naturais.

Depois de ter tido muitos namorados em minha educação primária e de ter premiado com beijos na boca aos meus companheiros quando faziam um gol nas partidas de futebol, uma das minhas professoras descobriu uma boneca!!! Sim! Era minha fabulosa boneca da She-ra, essa mesma, a irmã gêmea de He-man.

Essa professora mandou chamar meus pais ao colégio, me isolou e me levou a um curso de orientação escolar.

Depois de um traumatizante e profuso choro, por não compreender a estranha situação em que estava envolvida, terminei em um tratamento psicológico que durou 4 anos para curar a minha homossexualidade.

É sabido que a homossexualidade como patologia tinha sido eliminada recentemente em 1973 dos manuais de psiquiatria, mas como no meu país esse mesmo ano começava a ditadura... entre bombas e matanças canibais e sanguinárias seguramente não chegou essa informação ao Chile e se tratou meu caso como uma doença tipo transtorno mental, que era possível curar através da terapia, para que eu conseguisse me adaptar ao meio patriarcal machista e heteronormativo com êxito.

Como podem perceber os resultados da minha terapia foram fabulosos, aprendi rapidamente a enganar a minha psicóloga explorando minha masculinidade interna e atuando performaticamente como fazem os homens mais brutos e preparados!!!

Quando a doutora me deu alta, se acendeu uma luz em meu corpo, se encheu de liberdade e como um impulso de sanção supra terrena o conselho que hoje nos dita Gloria Trevi se fez realidade.

Soltei meu cabelo, me vesti de rainha, coloquei saltos, me pintei e era linda, caminhei até a porta, senti me gritarem, mas os seus cadeados já não podiam me parar e olhei a noite que já não era escura, era de lantejolas!!!

Agora segundo nossa presente e transtornada realidade, alterada por novos padrões de classificação e desclassificação sexual, deveria me envolver e me encantar em algum deles para poder simpatizar com esta neo-cultura imposta que me dita o fato de representar esse algo que me liga ou me desliga do imposto sistema binário de gênero.

Raciocinando pluralmente oprimida e desorientada entre tanta nova erudição que mescla e desestabiliza o que para alguns é coerente e para outros está sujeito a mudanças constantes segundo os devires sexuais da vida, somente me gera arrepios o tratar de me identificar nessas novas caixinhas.

---

---

Atualmente:

Serei uma travesti sodomita lésbica ardente metropolitanizada?

Serei uma bissexual afeminada em pecado com traços contra sexuais e delírio de transgressão à transexualidade?

Serei uma tecno-mulher anormal com caprichos ninfómanos multissexuais carnais?

Serei um monstro sexual normalizado pela academia dentro da selva de cimento?

Serei uma vida castigada por Deus por invertida, torta e ambígua?

Serei um homossexual ornamentadamente empetecada, feminina, pobre, com inclinação sodomita capitalista?

Serei uma travesti penetradora de buracos voluptuosos dispostos a devires ardentes?

Ou serei um corpo em contínuo trânsito identitário em busca de prazer sexual?

Existindo múltiplas opressões e dispositivos de controle já não está claro se você é homem, mulher, gay, lésbica, travesti, transgênero, andrógino ou bissexual.

Hoje, a classe social, a raça, a educação, a localização, incidem dentro do conceito de gênero, ainda que alguns apaixonados pela heteronorma não queiram abrir seus olhinhos conservadores e ver a realidade exposta em seus próprios narizes.

Por que alguns não entenderão essa simples premissa?

Às vezes me esmaga o paradigma de estar presa a um estreito modelo de dois sexos.

Qual é a ideia de ser normalizados e que pareçamos um regimento?

Por que está ideia favorece politicamente a América Latina?

O que há de tão tormentoso em ser indiferente a entender em que caixa sexual você se encontra?

Qual é o problema de que outro indivíduo seja de ambígua leitura sexual?

Em que sentido é bom e correto compreender somente pela imagem e pela prática qual sexualidade é a que se acomoda a sua vida?

Por que você tem que se importar em saber se eu gosto de fuder com excrementos ou se eu gosto que as senhorinhas me vomitem enquanto eu me masturbo nos banheiros do mal?

Por isso, foi necessário construir outros termos que permitissem dar conta, a partir de uma outra perspectiva, desses fatos reais do nosso acontecer sexual.

Na América Latina o enunciado queer descende no meio dos anos 90, entendendo que este termo se cunhou no norte nos anos 80.

Como estávamos na periferia do círculo de debate norte-americano, a informação chegou mais tarde e foi interpretada das mais singulares maneiras. Como descreve Sutherland: "alguns correram a inscrever suas práticas dentro da catedral queer como santificando-se na última neo-vanguarda das políticas sexuais radicais, outros tentaram traduzir o termo desde as mais variadas opções lexicais: tortas, obliquas, pós-identitárias, raras, invertidas, todas elas com um malabarismo linguístico próprio que tentou dar conta de um mal-estar normativo, de uma revelação teórica, de uma fuga prometeica da identidade. (...) que entram no cenário político a dar a voz a um lugar negado e estigmatizado"<sup>6</sup>

---

Em um capítulo do livro *Por um feminismo sem mulheres*, narra Felipe Rivas: “teoria queer não é o mesmo que queer theory devido ao modo em que sua enunciação hispânica faz perder as complexidades da sua localização como pensamento crítico, contidos no mesmo gesto do nome. Se nos Estados Unidos, pessoas como David Halperin denunciaram a rápida institucionalização da queer theory, normalizada pelo seu êxito acadêmico, na América Latina e na Espanha esse processo parece ser ainda mais acelerado pela falta de tensões que provoca sua recepção nos espaços acadêmicos locais, que não veem na nomenclatura um perigo ou questionamento, mas uma glamorosa nova fórmula de saber exportada a partir dos Estados Unidos (...). O mercado dos países periféricos da América do Sul usualmente traduz o nome dos produtos ao inglês como fórmula publicitária para aumentar o status simbólico da mercadoria”<sup>7</sup>.

Compreendemos que não é o mesmo dizer na América Latina teoria bicha e dizer teoria queer, que por fim esse enunciado de fonética mais esnobe ajuda a que não exista suspeita a que se ensine essa sabedoria em instituições e universidades, sem provocar tensões e repercussões ao estigmatizar esse tipo de saber como bastardos.

Podemos disfrutar do shopping queer em nossas latitudes?

Hoje em dia graças a Deus temos todo o necessário para tomar o estandarte queer dentro da metrópole: mil produtos para nos transformar em seres ambíguos de difícil leitura sexual e performar pela vida como transgressão identitária, hoje é possível estudar esta teoria em Universidades e receber informação fidedigna do tema, hoje temos à disposição a compra e venda de livros que traduzem e levam essa mensagem esperançosa até o criado-mudo da sua cama, hoje existem as possibilidades de lugares de encontro multissexuais, bares, discotecas, etc. Hoje existem bandas de música com estética queer que você também pode adquirir e desfrutar, hoje existem lojas de artefatos contra sexuais para nossa estimulação plural ciber-carnal. Um mundo de fabulosas oportunidades para levar a cabo o discurso e o desborde estético necessários para nos sentirmos envolvidos e santificados pelo tema.

O sistema econômico facilmente recolhe as novas identidades e lhes outorga um perfil pseudo-democráticos. Assim há ocorrido com o não menos problemático conceito já absorvido por uma torrente taxionômica e identitária que afirma uma política e um sujeito queer. Diz Slavoj Žižek: “Teríamos que apoiar a ação política queer na medida em que “metaforize” sua luta até chegar (...) a minar o potencial mesmo do capitalismo. O problema, entretanto, está em que, com sua continuada transformação em um regime pós-político tolerante e multicultural, o sistema capitalista é capaz de neutralizar as reivindicações queer, e integrá-las como ‘estilos de vida’<sup>8</sup>”

Qual será o futuro desta teoria que corre o risco de ser tragada e comprada a um bom preço pelo sistema capitalista?

Podemos assinalar que no contexto da investigação acadêmica sobre a identidade de gênero e a identidade sexual, esta teoria queer, que nos seduz e encanta, tem a virtude de oferecer uma novidade que implica etimologicamente um cruzamento dos limites sem se referir a nada em particular, o qual deixa a questão de suas denotações abertas à controvérsia e à revisão.

Graças a essa natureza efêmera, a identidade queer poderá se aplicar a todas as pessoas que alguma vez se sentiram fora do lugar diante das restrições da heterossexualidade e dos papéis de gêneros instaurados na sociedade.

Concebe-se que nada em nossas identidades é fixo, o gênero igual aos outros aspectos da identidade é performativo, as pessoas, por tanto, podem mudar.

Sua colaboração é a possibilidade de subverter e deslocar aquelas noções de gênero que foram naturalizadas e reificadas, apoiando a hegemonia masculina e o poder heterossexual. Desafia-se a ideia de que certas expressões de gênero são originais ou verdadeiras, enquanto outras são secundárias e falsas.

---

7 Rivas, Felipe. *Por Um feminismo sin mujeres*, fragmentos del segundo circuito de Disidencia Sexual. Territorios Sexuales Ediciones, Santiago, Chile, 2011. P. 68.

8 Žižek, Slavoj. *En defensa de la intolerância*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2005. P. 69.

---

---

Santa Butler propõe desnaturalizar a hetero-realidade, na qual sua prática sexual normativa se transforma em um regime de poder que atua em todas as relações sociais: a economia, a lógica jurídica, os discursos públicos, as formas cotidianas, etc.

A luta queer não quer conseguir somente a tolerância ou o status igualitários, mas quer desafiar as instituições e as formas de entender o mundo.

A teoria queer trata de compreender distintos modos de desejo sexual e como a cultura os define.

Entendamos que somos parte de uma América Latina onde existe uma cultura pluri-sexual e multi-sexual óbvia, que muitos não querem ver nem entender, onde a cada dia se realizam operações de mudança de sexo ou de implantes, existindo humanos livres desfrutando de sua bagagem entre os gêneros e desfrutando das bondades naturais da sexualidade, ao mesmo tempo em que coexistem pessoas em tratamentos hormonais para modificar seus corpos e assim ser quem na realidade querem ser. Em paralelo lamentavelmente outros se enchem de culpas religiosas e se escondem acotovelando-se nos submundos escuros, pensando que são monstros imorais perseguidos por essa parte da sociedade que lhe aponta o dedo, os fazem sentir-se inferiores e não reconhecem seus direitos.

Finalmente somos parte de uma selva, onde reina o equilíbrio entre o bom e o mal, onde devemos elevar nosso nível de consciência e entender ao humano que quis se afastar do conhecimento, baseando sua vida no medo, decidindo levar uma vida que não respeita a outras vidas diferentes e que as utiliza.

Conviria abandonar as velhas definições, da mesma maneira que você descobriu a verdade sobre Papai Noel e Coelho da Páscoa, agora descubra que existe uma montagem, uma história, uma versão idealizada de todas aquelas coisas das quais você não quis refletir antes e que você adora como Deuses.

Não estou aqui, no sul do mundo, para decidir quem tem a razão, só quero desbaratar a ilusão e essa idealização que mistifica os problemas arrebatando os olhos no que você acreditou e não me resta mais que sugerir que pense grande!

Poderei sonhar que o queer seguirá seu legado de resistência e liberdade de expressão e não se em uma moda ou em uma norma?

Tomara que a utópica ideia de minha mente transtornada se faça realidade e o queer se transforme em uma constante destruição e criação amorosa onde todos possamos viver com sabedoria e prazer.

Depois da minha masturbação noturna seguirei sonhando e implorando ao universo que a educação latino-americana mude e que a partir da origem da formação humana se use estes tipos de conhecimento, para que nossos filhos, limpos de impurezas impostas genericamente, se formem livres de estigmas sociais, como os que realizam atualmente os Jardins infantis da Suécia, e esta ideia de aprender em um ambiente com neutralidade de gênero, erradicando os estereótipos e a desigualdade, se espalhe tão fortemente como as ideologias místicas e chegue a todo o mundo.

E caso encerrado.

---



# SOBRE LA GORDURA E LO QUEER

LA CERDA PUNK P.160 - 180

*“Hubo una vez en la que ser queer significaba estar en directo conflicto con las fuerzas del control y la dominación. Ahora nos encontramos en una situación de total estancamiento y esterilidad. Como siempre, el capital recuperó a lxs maricas revoltosas para políticos y activistas. Hoy en día hay ‘Log Cabin Republicans’ y ‘Stonewall’ se refiere a los Demócratas gay. El mercado está lleno de bebidas energéticas para gays y un canal televisivo ‘queer’ que ha declarado una guerra contra las mentes, cuerpos y autoestima de la juventud. El orden político ‘LGBT’ se ha vuelto una fuerza de asimilación, el aburguesamiento, el capital, y el estado. La identidad Gay ha sido convertida en un producto de valor comercial y un aparato de retiro de la lucha contra la dominación. Ahora los gays no critican el matrimonio el ejército, ni al estado. De hecho, realizan campañas para poder participar en todo esto. Su política es abdicar a estas malditas instituciones en vez de aniquilarlas. ‘¡Los gays pueden controlar el estado y manipular las fuerzas de capital tanto como los heteros!’ ‘¡Somos iguales a ti!’ Los gays traidores sólo intentan construir a lo homosexual como lo normal: gringo, monógamo, ser rico, con 2.5 niños, una camioneta estilo todoterreno, y una valla blanca. Por supuesto, esta construcción reproduce la estabilidad de la heterosexualidad, la raza blanca, el patriarcado, el binarismo de género y el propio capitalismo.*

*Si honestamente queremos hacer pedazos a esta totalidad, tenemos que librarnos de toda esta mierda. No necesitamos el derecho de participar en el matrimonio, el ejército, o el estado. Necesitamos deshacernos de ellos. Ya basta con los políticos, ejecutivos y policías gay. Necesitamos desarrollar, con prisa, un abismo entre las políticas de asimilación y la lucha revolucionaria. Necesitamos redescubrir nuestra herencia revoltosa como anarquistas queers. Tenemos que destruir las construcciones de la normalidad. En su lugar necesitamos instalar una posición basada en nuestro alejamiento de esta normalidad y que también sea capaz de dismantelarla. Debemos usar estas posiciones para poder romper con la asimilación, el capitalismo, y con el mundo entero. Hemos nacido em medio de este conflicto con el orden social. Necesitamos intensificar y ampliar este conflicto”.*

*“Por eso “Gorda!” sale a las calles y levanta su barrikada femmeinista, punkie, ácrata, queer, sudaka y gorda. Porque no queremos sólo revertir el ideal estético dominante, ofreciendo una suerte de contra- cara. Como en los 90’s soñaron las políticas queer o entrado este milenio los transfeminismos, queremos dismantelar todo lo que esté a nuestro alcance. Salud y alegría.”*

*Laura, Gorda! Zine.*

La primera vez que oí la palabra queer fue en el periodo em que asistía a la universidad. No la nombraba un profesor o alguna bibliografía, fue en una de esas conversaciones en la playa con la chica que se estaba convirtiendo en mi primera amante, una compañera de psicología. Me nombraba lo queer, me hablaba de imaginarme a las lesbianas con labio leporino, o mancas, de hija de perra (la reina de la performance bizarra en Chile), de literatura marica, de la cuds (colectivo universitario de disidencia sexual), y yo ahí, con 18 años recién cumplidos, abriendo mi cuerpo a otra realidad totalmente fascinante. Sólo conocía el mundo LGTTTB, las discos maricas, las marchas gays. Luego, el círculo se empezaba a ampliar. Recuerdo un afiche de la mujer maravilla con barba, destruyendo la ciudad a lo King Kong: *“semana de la disidencia sexual”*, un taller de drag king al que me acompañó una amiga que estaba como en su séptimo mes de embarazo, me encuentro con aquel personaje Irina la Loca, la bigotuda; le siguieron unos ciclos de cine, charlas con maricas bien inteligentes e intelectuales que comenzaron a recomendarme libros. Empecé a notar que existía teoría de las tortas, de las maricas, de lo queer y empecé a dejar de sentirme sola, a encontrar un espacio tanto de enunciación como de pertenencia, reuniones de lecturas en cafés, talleres, el programa radial *“gatas en fugas el maullido de la disidencia”*, conversatorios, movimientos, redes.

Antes de encontrarme feminista y lesbiana, me encontré con lo queer, el ser indefinible y es que no me calzaba el “sentirme mujer” como algo que me uniera, siempre he sentido que antes de ser mujer, era gorda o gordo o gorde, eso no importaba. Hace algunos años sentí el peso del género en mi cuerpo (cuando comencé a acercarme a las tortas feministas), antes no lo notaba como algo primordial.... Había algo que estaba antes, antes de mi vagina. Para ser objeto de deseo había algo antes que mi Sexo, gorda, gorda, gorda, gorda. Siempre más deseante que deseable. Tampoco sabía cómo definir mi sexualidad, porque a pesar de nunca haber follado con un chico, me gustaban algunas maricas y tampoco me cabía nombrarme como bisexual, porque sentía que también escapaba a mirar sólo chicas o chicos, feminidades o masculinidades, sentía por sobre todo eso, que me atraían lxs cuerpxs en lucha, inteligentes, pensantes, mutantes... Las categorías me parecían formas de ser poco estimulantes.

Lo queer me impulsó profundamente a politizar mi gordura. Pensaba en esas imágenes mentales que hacía imaginarme mi amante de la universidad, por ejemplo, una lesbiana manca y reflexionaba, *“que difícil ser tan rara”*, como si eso también tuviera una escala de valoración (quien es más freak/queer que la otra), y después me di cuenta que ser lesbiana y gorda también era algo político, porque no soy igual que una lesbiana delgada o que cualquier cuerpo delgado. Y comencé a pensar la historia de mi vida como gorda, como un relato político, queer y feminista. Con Samuel (mi amiga marica gorda poeta) nos gustaba jugar a ver quién era más gorda, porque mientras más gorda más queer, juntando nuestras panzas, riéndonos. Del juego pasamos al discurso, a nombrarnos, sin perder la risa, pero también dejando de ser cuerpos siempre objetos de chiste, ridiculización o burla. Lxs cuerpxs gordxs como cuerpos políticas, porque por mucho que lo queer tratara de destruir el género, aún veíamos en sus imágenes ciertos tipos de cuerpxs que cumplían con cierto estándar de belleza, una lindura distinta a la hegemónica, pero similar a la vez, faltábamos las gordas, los rollos, las estrías y celulitis alumbrantes, desbordantes, sin vergüenza. Necesitábamos enunciarnos, nombrarnos y nos descubrimos no solas, con una red gorda naciente, nos encantaba sentir lo queer y el porno en la cuerpo, creernos las estrellas. Y brillar.

Voy a definir lo queer según como lo pude entender después de todos estos años, tratando de redondear. "Queer" en inglés es un insulto, una palabra dura, que no se puede traducir al español, pero en un intento se dice que es lo raro, lo marica, lo torta, lo puta, todas aquellas identidades que se encuentran al margen de la heterosexualidad, de lo aceptado socialmente. Palabra que se re- apropió, para tomar el insulto ya no desde una posición de victimización, si no de enunciación. Algo como "soy queer, y qué!, y a esto se le llama teóricamente, como dijo Butler, "el giro performativo".

Lo queer viene con un planteamiento desde la destrucción del género y los binarismos hombre y mujer establecidos como categorías naturales e inamovibles. Se dice que lo queer nació por allí por principios de los años noventas, con la necesidad de plantearse desde un activismo radical frente a las agresiones homofóbicas, los asesinatos, golpizas, etc., contra la campaña del SIDA y este llamado "cáncer gay". Así también, tratando de buscar formas de activismo político distintas a las políticas de integración homosexual que venían naciendo por ese entonces, en estados unidos y el primer mundo, dígame el matrimonio homosexual, la heterosexualización, es decir, plantear que lo homosexual también es normal y que merece los mismos derechos de ciudadanía que lo heterosexual. Lo queer no buscaba la normalidad, por el contrario, era una apuesta a romper con el mundo tal y como la heterosexualidad lo construyó. Un cobijo para lo disconforme se comenzó a alojar en lo queer, que remitía a cierta radicalidad, a sexualidades disidentes, una nueva forma de relacionarse con la cuerpo y los deseos, de también mirar y relacionarse con lxs otrxs, movimientos como el postfeminismo, el postporno o el transfeminismo. La visibilización política de lxs trans\*, las travestis, lo intersex\* y sus alianzas con el movimiento feminista. Autodeterminando una identidad desde el insulto impuesto, darlo vuelta y hacer ruptura, volverse una identidad difusa, múltiple, rebelde.

Este movimiento plantea romper la identidad como una esencia, la esencia de la mujer, la esencia del hombre, nombrando el peso de la construcción social del sexo y la biología. Es decir, cuestionar lo biológico como naturaleza, pensando al género como el creador del sexo, más que la visión tradicional de que el género es la expresión social de algo natural y biológico que es el sexo. Propone mediante la parodia y la transgresión romper con esas identidades esencialistas, mediante el juego y las ficciones.

Lo queer le colocó nombre a aquello que ya existía, a lxs cuerpxs inencontrables o patologizados, excesivos, casi de fábulas y cuentos, a las fugas en el heteromundo, a las tortas de barrio que se infiltran en los trabajos remunerados de "gente normal" llamándolas "draggeadas". La disidencia siempre existió, la academia le puso un nombre, queer, y lo transformó en un insumo académico, que necesariamente se estandarizó, se volvió identificable, como otro tema dentro de una biblioteca.

Lo kuir me llevó necesariamente a una radicalidad. Cuando recién comencé a leerlo se me planteaba como una oposición a la sociedad misma, frente a cualquier idea de normalidad y también de normalización/asimilación. La idea del rebelarse contra aquella identidad marginalizada y de poder disfrutarla, llena de placer, era algo que me hacía sentir muy acogida. Para mí sólo tenía sentido destruir el género, destruyendo el mundo. ¿Qué me importa que no existan hombres ni mujeres si aún existe la policía y las cárceles, los laboratorios y la medicina, el capitalismo, el patriarcado y cualquier forma de estado- moderno? Y comencé a buscar otro tipo de construcción de teoría, de experiencias, de formas de hacer activismo. Me encontré

con algunos fanzines de una línea anarco-queer, que me hicieron mucho más sentido. Cito a Untorelli press con el compilado de textos "Espacios peligrosos":

*"Hay movimientos en nuestra historia de izquierda de los que estamos muy orgullosxs- Black Power, liberación de la mujer, liberación queer, etc.- con los que se ha literalmente elaborado una futura realidad que parece muy prometedora. Cuando estos movimientos se han fraccionado o debilitado hemos podido ver aspectos de estas luchas que no tenían una crítica al poder autoritario (especialmente al Estado) que los han empujado en los brazos del liberalismo. El liberalismo asume y mantiene el engaño de que el gobierno o cualquier tipo de poder más grande, sea necesario y responsable para cuidar de nosotrxs y para asegurar que todo sea pacífico y justo. Estamos atrapadx en un estado de infancia continuada, donde todas nuestras acciones cotidianas están sujetas al juicio de la mano guiadora de figuras paternas y autoritarias, desde Dios hasta el gobierno, gobernadores, alcaldes, banqueros, maridos y queridos papás.*

*Y así las políticas de identidad entraron en escena. Políticas post- coloniales, feministas y especialmente políticas queer, que una vez lucharon para un poder autónomo diferente de la sociedad normativa se han vuelto una triste sombra de su yo formal al volverse unas políticas de reconocimiento dentro de la sociedad, lo que hace que estos movimientos dependan de las estructuras responsables de sus problemas".*

Me fui preguntando cada vez más a menudo sobre lo radical, qué significa, desde dónde va, cómo se traduce en las prácticas, en las formas, en los lenguajes. La llamada radicalidad queer me sonaba algo extraña al encontrarme en algunos círculos queer y nuevos colectivos nacientes. Por ejemplo: ser queer y ser parte de una universidad católica, ser queer y apoyar a una candidata presidencial, ser/estar queer y manejarse en los términos del poder, en la academia, en el gobierno, en las instituciones, ser heteroqueer, etc. Finalmente ser queer es ser cualquier cosa. Una falta de cuestionamiento al estado- moderno creo que provoca el punto de quiebre frente a las distintas posturas; como ejemplifica claramente la cita anterior, las políticas de asimilación y de integración llevaron a lo queer también a ser parte de las posibilidades, transformándose en otro sitio donde poder habitar sin que sea peligroso para la sociedad.

Comenzamos a observar en nuestros círculos más cercanos ciertos acontecimientos que nos estaban pareciendo un poco extraños. Por ejemplo, organizábamos una fiesta queer en una okupa y se llenaba de gente (es decir, se juntaba harta moneda). De cierta forma estábamos notando cómo el concepto o la palabra "queer" se estaba volviendo una moda, una cierta vanguardia de la "liberación sexual". Esta movida de la liberación sexual, muy vinculada a un nuevo trato con nuestra cuerpa, no nos dejó espacio para el dolor. Aparentemente, todas seríamos seres superadas en lo sexual, en el dejarse llevar, en el devenir del cuerpx, en mostrarse, besarse con todo el mundo, burlarse de la monogamia, tener relaciones sexuales grupales, andar en tetas, etc. Parecía como si omitiéramos todas las historias, deseos y experiencias individuales de cada cuerpa, todxs nos creíamos seres equivalentes, "libres". Una "radicalidad sexual" que creo que poco se basaba en los afectos, en el descubrir qué era lo que nos gustaba no como imposición y en el cuidado de/entre nosotras mismas.

*¿Haces que la gente se sienta "no- divertida" o "no- liberada" si no quieren probar ciertas cosas sexuales?*

*¿Piensas que hay maneras que actúas que puedan hacer que alguien se sienta así, aunque no sea lo que estás intentando hacer?*

Dentro de mis círculos de activismo anarcofeminista comenzó a aparecer con mucha fuerza y necesidad el tema del consentimiento (no confundir con complacencia, que significa complacer a unx otrx, sin tomar en cuenta nuestros deseos o ganas). Consentimiento, como un acuerdo mutuo entre dos o más personas, donde el preguntar, conversar, estar pendiente de las otras, se vuelve un ejercicio fundamental en la construcción de nuevas relaciones afectivas. Fue, y es, muy doloroso darse cuenta de cuántas veces nos han pasado a llevar y nosotras mismas hemos sobrepasado los límites de las otras sin darnos cuenta, por asumir ciertas cosas dentro de lo sexual que parecen obvias, pero en realidad no lo son, que no sabemos decir que no, que cualquier duda es un no y no que te estén coqueteando o tratando de hacerse las difíciles. El patriarcado habita muy dentro de nosotras y el pensar esta liberación sexual, sin ponerse en el lugar de la otra, sin ser empática con su cuerpo, con su historia, en sus cicatrices, es profundamente patriarcal y heterosexual. Tratar de ir más allá de nuestro ego, de nuestra imagen, ser sinceras y no complacientes, aceptar las críticas, aprender a sacar la voz, a pedir ayuda, incluso con lxs conocidxs, se vuelve un ejercicio aún más complejo pues remite a nuestro círculo de confianza, más cercano e íntimo. Comunicarnos, creo que es una de las formas de ir aprendiendo, de ir sacando la mierda, de apoyarnos y crecer entre nosotras, dejar de juzgarnos y colocar culpables e inocentes como lo hace la policía. Escucharnos, mirarnos, amarnos y cuidarnos es un ejercicio complejo, muy difícil, estamos muy acostumbradas a la misoginia. También todas poseemos códigos distintos y nos afectan las cosas de diferentes maneras, aprender a ser capaz de percibir a la otra incluso sin que se manifieste en palabras. Anexo al final del libro un fanzine de preguntas sobre consentimiento, como las que nombré anteriormente, que compilaron algunas amigas para comenzar a hablar sobre este tema.

En un taller de "rizoma", conversábamos sobre lo queer, kuir, cuir, la moda, las nuevas palabras que se incrustaban en el cotidiano de nuestro entorno. Este taller fue autoconvocado por el pelao alejandro, quien nos trataba de explicar y poder entender a deleuze y guattari, sobre el devenir, la singularidad, etc. Con el paso de las sesiones apareció el fenómeno de lo queer y quiero compartir, a continuación, algunas de las cosas que salieron de este taller, desde los apuntes que tengo en mi cuaderno, las distintas discusiones de las que participamos y obvio, todo el conocimiento que el pelao nos regaló. Comparto un diagrama para comenzar a explicar:



Parafraseando a Deleuze y Guattari podemos realizar un paralelo entre identidad/ser v/s devenir. Dentro del ser, de lo identitario, nos encontramos con lo UNO, aquello que trasciende la experiencia, una verdad, una realidad, que es y ya fue: agota su potencialidad, ya ha sido definido, contiene todas las posibilidades de existencia, no puede ser otra cosa que lo que es. Lo UNO representado por el hombre, y no cualquiera, un hombre occidental. Al otro lado, el devenir representa lo múltiple, nunca es ser, nunca encuentra una forma, si no que halla lugares de vecindad (proximidad), de manera que, respecto a lo que deviene, no queda distinción de un animal, una molécula, unx otrx, se mide por los afectos y no por su definición. Múltiple desde dos aristas: un punto de fuga (reactivo negativo, cae en una trampa dialéctica al seguir identificándose en función al UNO, por ejemplo: me reconozco como mujer frente al hombre) y un punto de creación (creativo positivo, dejar la reacción para pasar a crear, ejemplo: no reivindicar el género, si no destruirlo, ser otra cosa, situarse en la experimentación).

El uno representa lo trascendental, lo moral, sus efectos son medibles en términos valorativos (bueno/malo), estableciendo categorías con distintas jerarquías según su valor, lo que más se asemeja al ser es "mejor". El devenir, en cambio, se centra en la singularidad, lo ético, en el hacer/obrar, se refiere a la experiencia misma en donde cualquier saber se vuelve contingente, siempre está por ser. El "bien y mal" se mide según cómo afecta el acto en sí, la potencia en lo eventual pasando a un nivel distinto que el de la moral. Un ejercicio ético centrado en el obrar y no en el deber ser moral, en el cómo me relaciono en el presente, en lo contingente, lo cotidiano; el devenir siempre tiene la posibilidad de ser otra cosa.

el devenir actúa por contagio

Nuestro cuerpo no habla, quien habla es el estado. Estado que desea mantener el arché (ciertos elementos trascendentales constitutivos) que da sentido a las cosas tal y como son. Capitalismo mundial integrado, vivimos una captura donde lo que alguna vez fue caos o devenir, se vuelve parte del arché, del UNO, ya no deviene, se convierte en una identidad, como sucede con lo queer... Un devenir minoritario (el devenir siempre lo es independiente del número de seres, si no pasa a ser una cultura de masas) se integra a una identidad, perdiendo así su potencia de multiplicidad.

¿Cómo lo queer pasó a convertirse en una política del espectáculo? ¿A beneficio de quiénes? ¿De los queers o del estado? ¿Cuál es la radicalidad queer actual?

*"De la misma manera en que el pueblo separa el rayo del relámpago, y toma a este último como obrar, como efecto de un sujeto llamado rayo, así también la moral del pueblo separa la fuerza de las manifestaciones de la fuerza, como si detrás de lo fuerte hubiese un sustrato indiferente que fuese libre de manifestar su fuerza o no hacerlo. No existe ese sustrato; no hay "ser" detrás del obrar, del producir efecto del devenir; "el que obra" ha sido añadido al obrar por la imaginación: el obrar es todo".*

Con la cita anterior, vemos nuevamente un paralelo con lo que Deleuze y Guattari plantean: cómo desde la visión de lo UNO, el sujeto se separa de la obra, del accionar. En cambio, desde el devenir es imposible separar el acto del sujeto, pues es el mismo accionar quien lo construye y transforma. Por ejemplo: separar al estado de las leyes, el estado como sujeto y

las leyes como el obrar, ignorando que las mismas leyes son las que construyen al estado y no son entes separados. Si abogamos por leyes, también buscamos la legitimación frente al estado.

Durante los talleres, analizamos cómo lo queer pasó de ser una política de lo común a una política del espectáculo, la capitalización y mercantilización. Tal como lo hizo el movimiento negro en los 60's, reconociéndose a sí mismos como negrxs, ya no como un insulto y todo aquello que no era negrx era lo dominante, lo queer aparece frente a lo NO queer, representado como lo uno/dominante, al varón heterosexual. Lo queer juntó diferentes comunidades y permitió formar redes exquisitas. Aparentemente rompía con las identidades que el estado imperante imponía por sobre lxs cuerpxs, generando una especie de autodeterminación en donde yo me nombro a mí misma, ya no desde una posición de víctima, si no desde un juego de enunciación y visibilidad. También se le enuncia como una supuesta movida de radicalización del feminismo de la segunda ola, dando paso al post- feminismo o transfeminismo.

El capitalismo abrió sus tentáculos y el mercado dio cuenta de nuevas mercancías a su poder. Esta tan amplia multiplicidad de identidades de lo queer permitió su mercantilización, podemos ser lo que queramos ser, el kapital nos lo ofrece, se reapropió de lo queer y es cosa de hacer memoria, por ejemplo: con el movimiento nigga, cómo mtv comenzó a generar una cultura mercantil del rap, sacándolo del espacio de resistencia para venderlo, capitalismo punk, actualización de la mercancía para mantener siempre el control sobre lxs cuerpxs y las subjetividades. Nuevos nacimientos de guettos, movimientos sociales snob, hipster, las nuevas modas de la contra- cultura auspiciada por fondos gubernamentales, lo vintage, el producto latinoamericano para lxs europexs, lo autóctono, 'queer eye for the straight guy'.

El capitalismo crea, de cierta forma, un círculo vicioso donde la política de lo común se vuelve una política del espectáculo, lo podemos ver en lo queer y en un montón de movimientos sociales, también en la izquierda. Lo queer se transformó en una etiqueta que generó una identidad. Lo queer NO devino, se estancó, se convirtió en espectáculo, en mercado, en academia, en cátedras, en televisión, en mercancía traducida tanto en subjetividad como en dinero...

cuando lo queer dejó de devenir se llamó queer

Entendámoslo mejor con un ejemplo típico dentro de la movida queer. El cuestionamiento a la pareja, lo queer puede ser cualquier cosa que no sea la pareja, se mueve mediante parodias, juegos, ficciones, manteniéndose en el espacio de la travesura, la intervención, el video, la performance, la orgía, etc. Lo queer se quedó en el jugueteo, en el caricaturizar, en vez de profundizar y hacer algo distinto, se volvió inofensivo frente al kapital, no rompe con el fractal, no mueve al estado de las cosas en general, provoca las cosquillas, la risa, pero la mierda sigue siendo la misma. Falta lo ético, el obrar en el accionar, crear una ruptura con el flujo mercantil, una praxis cotidiana que escape simplemente al espacio del juego o la ficción, una forma de vida antagonista que devenga y no se identifique.

Dejo a continuación, otro de los diagramas del taller de rizoma, donde hacemos una analogía entre las políticas de izquierda y las políticas queer, tratando de explicar de mejor forma lo que planteamos anteriormente:

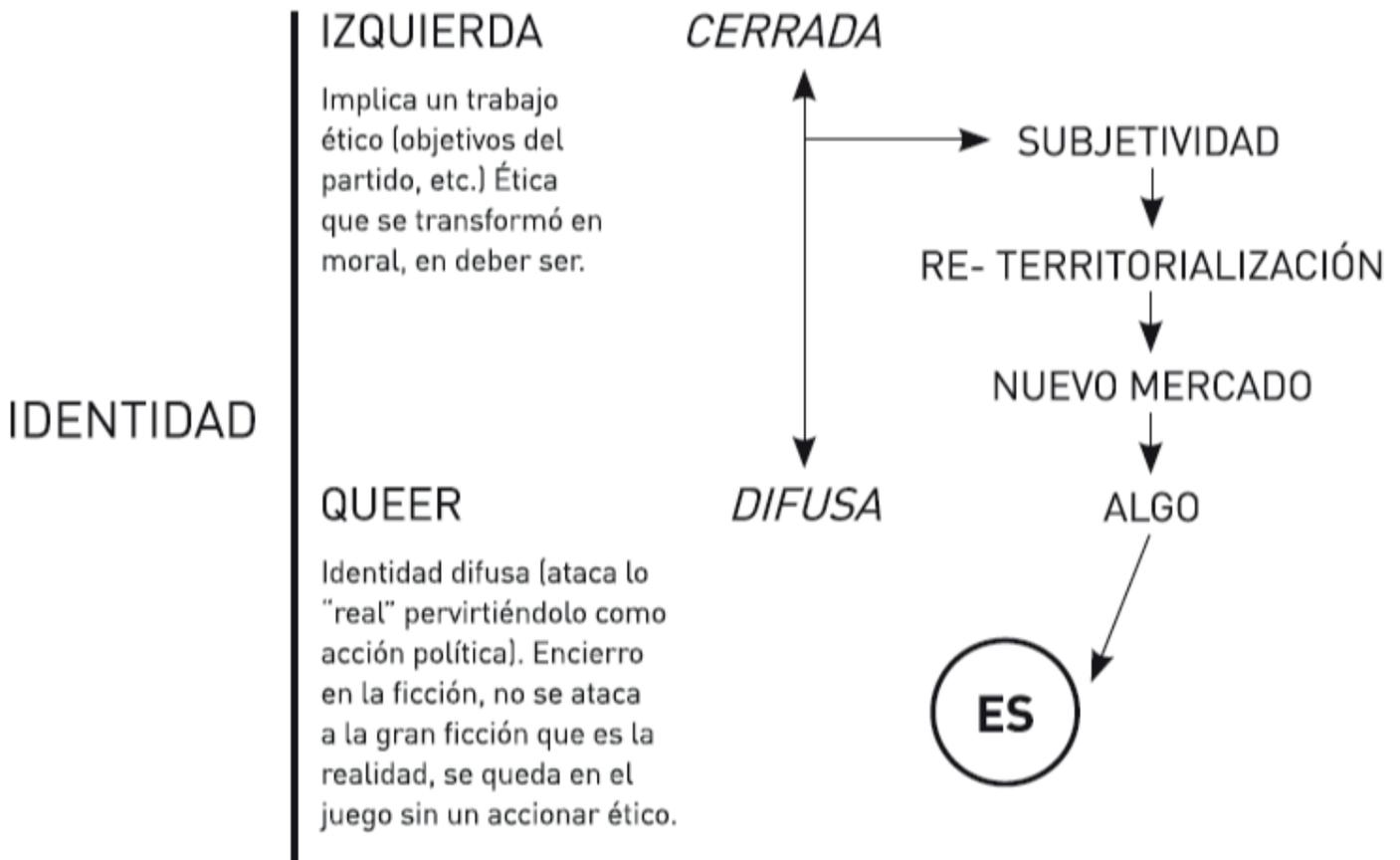


Diagrama realizado en el taller de rizoma.

La identidad de izquierda, que en algún momento también fue radical, se formaba desde una construcción cerrada, de partido, donde el obrar y lo ético se transformaron en máximas morales, formas de deber ser para ser parte de algo, los objetivos del partido, etc. anulando la singularidad y a lxs sujetxs que forman parte de esto, generando una masa partidista. Lo queer parte desde una construcción difusa, atacando lo "real" desde la parodia, pervirtiendo, jugando, sin un accionar ético. Ambas crearon cierto tipo de subjetividad identificable en lxs sujetxs, se re- territorializaron, es decir se generaron ciertas condiciones para que el estado pudiera manifestarse y entrar, comenzaron a formar parte de un nuevo mercado capitalista, transformándose en un ALGO, que terminó convirtiéndose en parte del SER, del uno, de la identidad.

Para mí, lo queer como apuesta política radical ya dejó de tener sentido desde el momento en que su identidad que era difusa e inidentificable fuera ya coaptada y vendible como queer,

kuir, cuir o como sea. Reapropiaciones que significan finalmente lo mismo, nada. Creo que lo kuir en Latinoamérica es un concepto vacío, en donde nos unimos muchxs cuerpxs que sentían ese hueco, que nos encontrábamos en la nada y construimos afinidades desde ahí, tratando de buscarnos, de encontrarnos. Más allá de cómo se escriba (con k, con c, con q), el pensamiento queer y su teoría son las mismas ideas principales universalizadas desde los espacios hegemónicos académicos blanqueados, que llegaron a América latina situando a unx sujetx queer homogéneo. No hago esta crítica con ánimos de desvalorar los afectos contruidos desde esas afinidades, siento lo cuir muy parte de mi también, y me molesta mucho que últimamente se comience a utilizar el adjetivo "posmo" en forma de burla, de insulto, metiendo todo esto de la relatividad de los discursos en un mismo saco, estoy aburrida de escuchar "es que lo que tú dices es muy posmo" y desvalorizan toda una opinión.

Pero creo muy importante la autocritica, la revisión, ningún discurso es eterno, que las identidades sí son flujos de estrategia política, de movimiento. El capitalismo tiene unas extremidades muy potentes, espías por todas partes y no es para nada difícil que conviertan nuestras luchas en meros objetos de consumo.

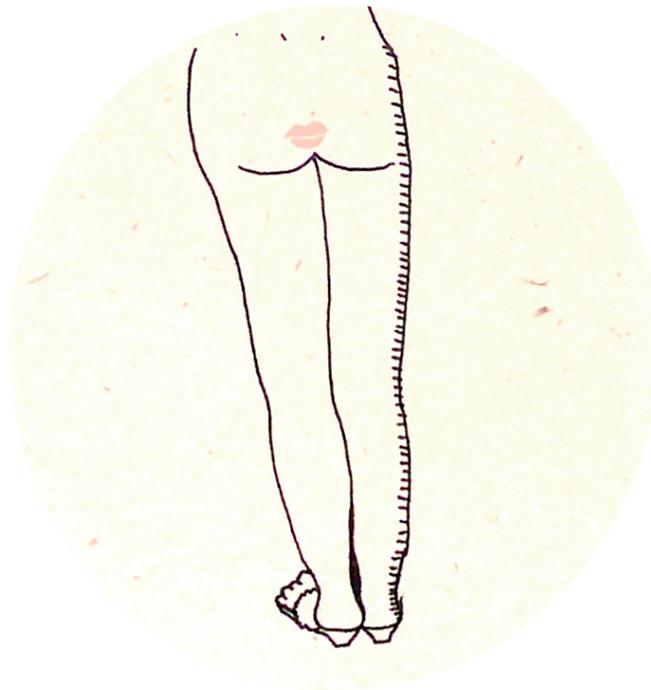
Cuando comencé a darme cuenta lo que significaba nombrarme lesbiana y feminista (y llamarse así en el espacio público) y fui capaz de percibir lo que esto provocaba en la gente, me pareció mucho más potente que decirme "queer". Creo que lo queer oculta el patriarcado, hace oídos sordos al privilegio del cuerpo de un hombre poniéndonos a todxs en un estado de equivalencia que es ficticio, ni siquiera en espacios de "confianza" creo que estos privilegios no pesan o no se advierten. Comencé a notar, cuando ya no quería que las maricas me tocaran las tetas, que mi decisión era burlada o tomada como un exceso de seriedad, "le dai color" como dicen en Chile. Un chico, Sujeto X Transitando, escribió una nota en Facebook preguntándose: ¿es posible ser hombre y no gozar de los privilegios de serlo? ¿es posible ser heterosexual y no ser homófobo?... Y me rebotó en preguntas hacia mí misma, aunque no decidí ser mujer por tener vagina, por muy freak que resulte mi cuerpo aún soy leída como mujer y en la calle más que tener temor a que me asalten, temo que me violen, porque mi cuerpo es un objeto construido socialmente en una cultura patriarcal de la violación. Tampoco quiero decir de que las maricas son igual que los heterosexuales, no quiero que se entienda que trato de universalizar las experiencias de cada cuerpo, las construcciones de masculinidad o feminidad impuestas.

El privilegio de ser hombre, además de ser kuir, incluso ni siquiera con la necesidad de llamarse "queer", sino 'abierto de mente' o todo este rollo de las 'nuevas masculinidades' u hombres feministas, anti-patriarcales, que me suena muy sospechoso. Pasa que lo heterosexual siempre va a buscar las formas de asimilarse para dejar de ser cuestionado como un privilegio. Conversaba con mi amiga kala sobre cómo algunos hombres heteros tratan de equiparar nuestras experiencias o la de los maricas al haberse, por ejemplo, besado con un chico o dejar que su novia les metiera el dedo en el culo; como si eso bastara para dejar de ser heterosexual. Nuevamente nos invisibilizan, nos universalizan, nos tratan de hacer parecer iguales, se sigue revisando lo hetero como si solamente fuera una práctica sexual, omitiendo todo el régimen político, corpóreo y subjetivo, que nos construyó como cuerpxs distintxs y que se necesita algo más que una penetración anal para renunciar a los privilegios de ser un hombre. Muchas veces también me pregunto si ese ejercicio es realmente posible, sobretodo siendo

un hombre heterosexual.

Creo en las identidades estratégicas como armas. Vuelvo a parafrasear a D&G: escapa y mientras escapas coge un arma. Arma para atacar, molestar, defenderse y de cierta forma también cobijarse, encontrarse. Como he mencionado antes, para mi cuerpo enunciarse como una torta, gorda y feminista es una táctica de resistencia, un escudo, una fuga, y cuando nombrarme de esta forma deje de generar incomodidad o reacción, buscaré otras y escaparemos, fugaremos... No queremos pertenecer a este mundo tal y como es... Cómo hacer para que nuestras prácticas dejen de ser productivas al kapital?

Desterritorializar, dejar de que se generen las condiciones para que suceda algo.



LUCIA EGAÑA

EL  
COLONIALISMO  
DE LA  
FANTASÍA  
BLANCA

no suelo aceptar en facebook a nadie que no conozca personalmente. ayer a través de una amiga pude conocer el estado de una persona, a la que precisamente desconozco, que hacía referencia directa a mí, con nombre y apellido. en realidad no voy haciendo caso a la gente que no conozco e intento hacer menos caso aún por facebook... pero anoche no me podía dormir pensando en qué me gustaría poder decir al respecto.

la persona dijo lo que dice la imagen siguiente y alude al texto publicado en revista pikara en enero de este año.

Me siento la apestada del feminismo porque no pienso como Lucía Egaña. Para mí ser penetrada por tu amante mientras duermes no es una violación, para mí es una fantasía, un deseo y un placer que quiero experimentar. ¿Por qué tanto interés en condenar y poner límites a mi sexualidad? ¿Y si mi amante me penetrara con un dildo? ¿Pollas de carne no y pollas de plástico sí? ¿Por qué esa insistencia en criminalizar de forma esencialista la sexualidad de los hombres o la sexualidad masculina (que no son lo mismo)? Qué manía con darme lecciones...

<http://www.pikaramagazine.com/.../mi-nuestra-genealogia-de-l.../>

Compartir

a ver, igual esta persona leyó el artículo muy en diagonal. es lo más probable, lo único que puedo pensar. no pilló que se trata de una experiencia y una percepción tardía de la experiencia y que es muy personal y situada. de hecho (anécdota), hasta a la pornoterrorista le pareció que me sobreexponía con este texto. y además, ante el impacto de que el texto fuese de los más leídos de pikara, compartido por diversos medios, escribí esto. la cantidad de agresiones que empezaron a haber en los comentarios obligó a la editorial a cerrarlos en un abrir y cerrar de ojos. y esto no es censura, esto es purita autopreservación feminista. (y esto ya es otro tema, pero el poder intenta hacernos creer que censura es también no dale la voz al enemigo...)

esta persona leyó en diagonal el texto porque su etnocentrismo le impide ver que no todo el planeta es como su barrio de ¿madrid? a ver, lo vuelvo a explicar para las que no lo sepáis y aprovecho de aclarar un poco cómo están las diferencias en el mundo. en chile el aborto es absolutamente ilegal, no importa que tengas un feto de 10 cabezas que te va a estrangular por dentro, no importa que tengas 8 años y tu padre te haya violado (¿tendría que decir follado para no herir la susceptibilidad de una chica "pro-sex"?). desde los 3 años hasta lograr tu embarazo, no importa que no quieras tener un hijo. en chile en el año 2004 la iglesia católica había retirado de circulación en las farmacias 3 veces la píldora del día después. si eres una pija nada de esto importa mucho. puedes viajar a europa, puedes pedirle ayuda a alguien. si eres una pija probablemente no podrás entender que un embarazo no deseado, y que se te obligue a tenerlo es también una violación. porque "violación" no es sólo el polvo en un callejón oscuro donde te folla un negro ante tu resistencia (esto es en las películas y pone mucho, pero violación son muchas otras cosas que lamentablemente no adorna el imaginario cinematográfico con tanto ahínco).

me parece que el comentario de esta persona deja ver muchas cosas que me gustaría cuestionar aquí desde mi posición. básicamente porque me dan rabia, me agotan y me angustian. me angustia el feminismo pro-sex que lo único que sabe es mirarse a sí mismo, esta actualización del feminismo blanco y aburguesado que tanto se ha cuestionado pero que escurre por todos los rincones, porque para más inri coincide con que son las voces que el poder actualiza. los medios oficiales les dan voz porque son cuerpos que no disrumpen nada, cuerpos blancos, europeos, hegemoníamente guapos, flacos. cuerpos y subjetividades que no tienen capacidad de empatizar con otra experiencia y otra visión que no sea la suya, cuerpos que se erigen como la transgresión absoluta aunque apenas transgredan el imaginario de su papá

llevo un buen tiempo trabajando para que existan espacios como la muestra marrana, pensando y repensando las prácticas postpornográficas, intentando hacer diálogos entre las ideas y las prácticas, mi investigación y mi vida son, a este punto, bastante indifrenciables. y digo esto no para darle más legitimidad a mi voz, digo esto para que se entienda cómo me frikea que me digan que "criminalizo de forma esencialista a los hombres" ¿perdón? ¿hola?

es un asunto al que una le ha dedicado bastante tiempo el de pensar los mecanismos de excitación sexual, los propios y los impuestos y las violencias que hay en ese terreno y en otros paralelos y/o autónomos. de hecho el texto precisamente cuestiona la naturalización de las agresiones que, sin cuestionamientos, quedarían en el terreno de lo normal. no hago ningún paralelo entre fantasía y agresión sino para hablar que mi imaginario infantil estaba permeado por el patriarcado, y ni siquiera lo hago por juzgar, sino exactamente para denotar lo pantanoso de este terreno.

tu fantasía nunca será mi agresión. mi agresión es mi agresión y punto. así como mi fantasía no ha de ser la tuya, y un largo etcétera. no pretendo para nada meterme con los mecanismos de excitación de nadie ya que es un curro que nuestra cultura heteropatriarcal nos obliga a hacer de forma bastante solitaria (y he allí otro por qué de encuentros como la muestra marrana). por qué planteas que quiero dar lecciones si lo único que pretendo es comprender la historia de mi coño???

para mí el único tema es el consenso. sin apellidos, consenso y punto. no puedo aceptar la lógica del "consenso implícito" justamente porque en esta cultura heterocentrada lo implícito es todo lo que reproduce las cosas tal como están. y bien que nos han jodido, hasta el punto de que no se reconozca como agresión una cosa que han hecho contra mi voluntad y dormida, hasta el punto de que se me tilde de "criminalizar la fantasía" y de "dar lecciones" por favor... tal como dice xara, es como decir: me encanta la asfixia pero el tratado de ginebra contra la tortura la prohíbe, me criminaliza porque a mí me encanta que mi novio me asfixie... joder, para cuándo el taller de comprensión de lectura (y de comprensión de la realidad) feminista?

creo que europa nos hace mucho daño. siento que tus privilegios me criminalizan y me maltratan, que intentan desesperadamente y por facebook, hacerme sentir impositiva por una experiencia personal y situada. para las posiciones blancas y burguesas los propios privilegios son extensibles al mundo entero, y esto me duele. me duele de forma personal y política (que vendría a ser lo mismo), me duele como me duele el patriarcado cada día que me lo encuentro en los pasos fronterizos, en la jerarquización brutal, en la explotación de lo feminizado, en la exclusión por cuestiones de raza, condición social y sexual, me duele como la dinámica pija y heterocentrada sigue cada día imponiendo su autovictimización de carrefour. y mi dolor se convertirá en rabia y en acción, y la escritura es esta mañana para mí, también una forma una acción y de resistencia.

LUCIA EGAÑA - 15/12/2014



pedro costa

## manifesto contra os desejos capitalistas



Você, que se esforça para ter um corpo esculpido como as estátuas gregas. Você, que acha lindo os homens de estereótipo macho, agressivo, jovem, perfumado e perfeito, e que ama o estereótipo branco, olhos claros e loiro... saiba, você não tem desejos próprios. Você é um boneco manipulado dos desejos capitalistas. Nós não desejamos vocês! Temos asco de sua presença! O armário só existe para vocês. Nós nunca soubemos o que é estar dentro do armário. Sempre estivemos fora dessas criações capitalistas e eurocêntricas de sobrevivência. Nós somos a guerrilha encarnada. Somos aqueles que não temos medo, porque o medo também é uma criação capitalista. Somos aqueles que não se denominam „ser humano“, porque esse termo é muito limitado e conformado para o que somos. Nós não buscamos a felicidade e tampouco somos depressivos.

Tudo isso também é criação capitalista de controle dos desejos. Nós temos todas essas informações, e explodimos com todas elas. Somos a urgência de conexão e quanto mais urgente, mais profundo é nossa conexão. Não somos a raiva encarnada, porque quando surgimos, isso não existia.

Não somos nada do que você nos denomina, porque essas denominações fazem parte de um sistema o qual não fazemos parte. Podemos aparentar fazer parte, mas só externamente. Nossa imaginação e desejos são livres e anteriores. Nós somos muito antigxs, por isso mesmo, tão resistentes e atacadxs. Vocês pensam que somos sempre cooptadxs, mas vocês não entendem que a nossa estratégia é mais fatal que a sua. Atuamos de forma invisível. No campo em que trabalhamos, o seu sistema não consegue ver. O que fazemos é profundo e não há volta. Somos „invisíveis“ para o seu sistema, porque não deveria existir nada além da binaridade. Mas nos hipervisibilizamos para que sejamos incomodados. Nós passamos, te enfrentamos, e ao final rimos de seu sistema falido. Não choramos, mas nos transbordamos de emoções. Quando um de nós é feridx, todos nós sentimos. Mas isso apenas fortalece o nosso trabalho, o de modificá-los. Essa é a única forma que pensamos que nos modifica. Quanto mais nos violentam, mais de nós surge, porque atuamos em conexão, e vocês, em solidão. Você que se faz de contemporâneo, entendedor e compreensivo, nós sabemos que você atua na superficialidade. Pode estar entre nós, mas não é um de nós. Sua raiva é por sua limitação. Você não pode ver. E, se pudesse, seria um de nós. Nós nos reconhecemos quando nos encontramos e você nos desconhece quando nos vê. É tudo muito simples, mas você jamais entenderá. Em 3.2.14

# COIOTE, UM KORPO EXTRAÑO

---

**POR COLETIVO COIOTE**

---





---

## MORADORES DE RUA E A APROXIMAÇÃO

- Comedores e dadores de cú
- A não aceitação de travestis em albergues assistencialistas por conta do caráter religioso das instituições
- As relações homossexuais em presídios e moradores de rua
- A margem da margem
- O preconceito dentro de guetos
- O hibridismo. A perda e a busca/por identidade não normatizada
- O uso de drogas e o alcoolismo para matar a fome
- Na vestimenta as sobreposições (queer) para matar o frio
- A ignorância também das minorias que afetam os marginalizados extreme (machismo e patriarcado impostos e reproduzidos)
- Minha vivência e minha história na rua e centro assistencial
- As relações e entre prostitutxs e moradores de rua
- DSTs
- SUS ridicularizando o humano
- As regionalizações no país
- As regionalizações e segregações entre grupos de moradores de rua numa mesma localidade
- Como acontece em outros países?
- ONGS?
- Pessoas que por não aceitação da família vão morar na rua
- Grupos assassinos
- A vida na favela, minorias de gênero e a liberdade e respeito que se tem.
- Violência policial
- Proibição de se entrar em shoppings, etc
- A aproximação da teoria queer no inconsciente puro não purista
- A agressividade
- A esquizofrenia
- Descolonização geral do corpo
- A assistência social capitalista cristã burguesa piedosa
- Negro pobre viado travesty
- Relações de companheirismo e amor entre moradores de rua
- O quanto a modernidade exclui e tecnologia forja
- Desterritorialização

Na rua do ouvidor, um morador de rua me convidou para o Aterro do Flamengo. "O que você gosta?" Noite Bêbada.

Jogada no lixo, não somos baixas... Somos subterrâneas.

Esfregando minha buceta no chão. Menstruação na terra. Fluxo constante.

Eu aborto, tu abortas, somos todas clandestinas. Nem copa, nem eleição.

---

---

Sem programar, descontrole y organização.

Amor, arma biológica sem submissão.

Korpo fala, a casa prende e a rua ensina.

Depois que saí, chegou o guarda perguntando: O senhor não usa cuecas? Quando olhei pro meio das pernas, meu pinto fugia pelo buraco da calça.

Performance de vida, bomba sem relógio.

Sorvete de gala.

Korpos escatológicos, corpos desprogramados.

PRISÃO

PRECISO

PUNIÇÃO

PSICOLÓGICO

POLÍCIA

PUTA

PONTO DE SAÍDA

Nenhum trabalho é uma necessidade, nem o aluguel e a conta são destino.

Korpo arma biológica-não-destino.

¡Nada para nós, tudo para todxs!

A propriedade, um roubo – o roubo, uma desprogramação.

Sentada, detida y humilhada... Nunca vitimizada. Ré confessa contra a força armada do EŞtado. O comandante da tropa de choque pergunta: O senhor é de direita, de esquerda ou anarquista graças a Deus? Eu disse que era desorientado politicamente.

Morte aos modernos hipsters queer frequentadores de balada e galerias de arte. Agora que nós sujamos, não tem volta. Já somos a desestabilização, o kaos. Nossos pés já estão sujos. Nossa boca tem fome infinita.

Boca de cu, que delícia.

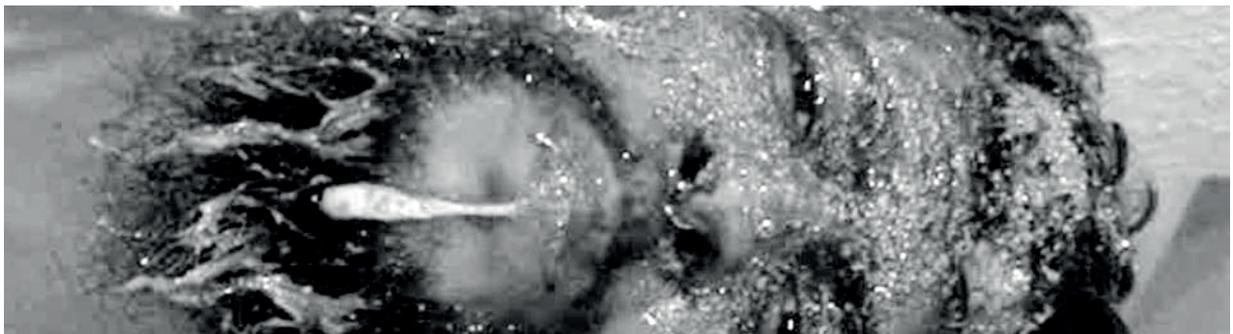
Minha fome que é do tamanho do seu desperdício. Nossos beijos estão aos berros.

Yomango, desconstrução, destruição, produção, autonomia y autogestão!

Atriz-teza x Ator-mentados. Sem representação, aqui é vida para além das provas, vivência na víscera. Abortos proibidos de putas baratas.

As bixas bandidas y as mana insubmissas. Os korpos sexodiversos, sem sexo.

---





TransEmpedido

Aos corpos livres, liberdade.

Saiam das suas casas, coloquem suas misé-  
rias. Diagnostiquem seus/meu corpo fracas-  
sado extremo convidem

Façam convites para suas festas.

22 de Março, aniversário de Gilda Furacão no  
cabaret ocupação Aldeia Maracanã de Resis-  
tência Indígena. 3h40min chegam os convida-  
dos espaciais: GogoBoys travestidos de poli-  
ciais: Tropa de Choque.

O auge foram as bombas de efeito moral, balas  
de burracha para criança chupar cheia de  
spray de pimenta no olho.

A festa fechou ruas.

De presente de aniversário Gilda está fichada  
de criminosa por querer morar e conhecer  
seus parentes.

Sujheitas ao nada, agarrada ao desterro e  
equilibrando a anormalidade com a disposição  
e potencia do próprio nós. Afundadas em nós  
mesmas, entregues à primeira, segunda e  
infinitas situações. Desbravarmos as vidas, as  
selvas.

Planejamos tudo e nada deu certo. Paramos  
de planejar.

Agora somos o que queremos e o que esta-  
mos.

BIXAS BANDIDAS

KORPOS DESPROGRAMADOS

TRANSFEMINISTAS

ANTI-FACISTAS

RIOT FAGS

SAPATÕES BOLADAS

QUEER PUNX

A n(A)ve Terra Mãe explorada y estuprada em  
TRANStorno

Queima com suas filhxs por amor y revolta

Consumindo os pilares morais do civismo  
moral religioso

A queda do CI\$tema para uma renovaÇÃO  
TRANSgressora

"Nós não vamos pagar nada!!!"

---

Korpos enquanto armas bélicas  
Matéria envolvente entre espaço-tempo  
Desprogramadxs do desejo de consumo hetero-capital-criStão  
Desejantes de um devir selvagem  
Korpos em festa  
    “Terra meu korpo, água meu sangue”  
Desfragilizar o existir acomodado pelo EStado  
A possibilidade de re-existir sensível,  
Mas sem perder a vital brutalidade dxs indignadxs  
Ser a revolução em si

Cada cu, um buraco negro  
De onde entram outros mundos  
Pra onde saem outros cus

À merda todo discurso higienista  
À merda a sociedade sectária  
À merda toda sanidade

NÃO VAI TER COPA  
vai ter luta!  
PAREM OS DESALOJOS  
Aldeia Maracanã (R)esiste!  
LIBERTEM XS PRESXS POLÍTICXS  
abram os cofres da ditadura!  
PASSE-LIVRE JÁ!  
Transporte público de qualidade y gratuito  
LEGALIZAÇÃO DA CANNABIS SATIVA  
arroz, feijo y maconha pro povão!  
LEGALIZAÇÃO DO ABORTO  
seguro y gratuito  
DESPATOLOGIZAÇÃO DO SEXO TRANS  
não sou gênero

O corpo, matéria que envolve o tempo y se reúne com o espaço para a criação de momentos.

Momento presente: DESprogramAÇÃO.

Desprogramar corpos fragilizados e traumatizados pelo heterocapitalismo sucateados por dispositivos tecnológicos que estupram nossas existências com extensões cis-têmicas. Existências roubadas de suas funções orgânicas, envergonhados de suas necessidades fisiológicas. Corpos máquina exploradas, desacostumadas à sensibilidade e acomodadas ao funcionalismo. Corpos funcionais ao capital, ao progresso social e à boa cidadania. Corpos mapeados de possibilidades nulas.

Devir além.

Re-existir prazeres sombrios, arregaçar carne e sangue para transbordar novidades. Explorar novas possibilidades através da anulação dos gêneros, utilizar a dor como interruptor de orgasmos múltiplos, ainda sem gozar porra. Gozar excrementos, adubos junto à terra.

“Não to aqui pra ser gostosa nem acolhedora... Ciência quer saber qual que é o mistério da natureza e como domina-la, buceta/natureza”

“Não sou sua mãe nem sua puta, nem to aqui para ceder.”

---



CLAUDIA RODRÍGUEZ

---

# MANIFIESTO HORRORISTA TRAVESTI

---

---

## DEL ERRORISMO, A UN MANIFIESTO HORRORISTA TRAVESTI

El manifiesto errorista dice:

Todos somos erroristas

1. -El "Errorismo" basa su concepto y su acción, sobre la idea que el "error" es el principio ordenador de la realidad.
- 2.- "Errorismo" es una posición filosófica equivocada, ritual de la negación, una organización desorganizada: La falla como perfección, el error como acierto.
- 3.-El campo de acción del "Errorismo" abarca todas las prácticas que tiendan hacia la LIBERACION del ser humano y del lenguaje.
- 4.-Confusión y Sorpresa – Humor Negro y el Absurdo son las herramientas preferidas de los "erroristas".
- 5.-los "lapsus" y actos fallidos son un deleite "errorista"

<https://reexistencia.wordpress.com/todas-las-revistas/revista-julio-2011/manifiesto-errorista/>

DESDE MI LUGAR, LOCALIDAD ARBITRARIA... **MANIFIESTO:**

### **"Que ni un pobre deba ser normal"**

Travestida y putiando en la parte trasera, por la bodega de un supermercado, de madrugada, en penumbras, por el 84, fue que conocí a la Franshesca, cuando les pidió a los guardias algo para comer. La loca andaba dando pena me dije, hasta que uno sacó una pistola y la amenazó con matarla. No la dejaron pasar del portón, y se burlaron ¿Qué querí maricon feo? En medio de la trifulca la travesti gritó ¡! Mátame po!! ¿Creí que te tengo miedo? ¡! Dispara po!! Y los guardias que defendieron la propiedad privada del empresario, se quedaron mudos. La Franshesca, fracasada, hambrienta y sin ningún glamour, igual que la Silvia Rivera, esa travesti de stonwell, se enfrentó a la posibilidad de morir y me dejó boquiabierto. Fue la Franshesca la que me mostro sin que lo pudiera entender en ese mismo momento: que las travestis igual que los peores indigentes, tendríamos que desarrollar armas déspotas y horrosas, para gritar y en último caso sobrevivir.

**Mi problema, no son los ricos. En realidad mi problema, son los pobres de este país, que defiende la propiedad privada como si fueran los ricos, como si fuera una riqueza suya.**

Cuando pregunto ¿Quieren show? Lo que hago es llevar a la práctica una horrorosa pregunta a quienes quieren divertirse a mi costa, a quienes quieren pintarse la boca y seguir riendo ¿eres un pobre trabajador que defiende la propiedad privada del empresariado? ¿Un pobre trabajador que se conforma? ¿y te sientes superior a mí? ¿y quieres sacar provecho de mí? ¿y quieres que te guarde el secreto?

Gritarle a la cara al pobre sobre su poder pasivo, es gritarle al inconsciente;

**!Inconscienteeeee!!**

Hanna Arendt habla respecto del régimen nazi, respecto de su mantención activa y pasiva, con la conceptualización de "la banalidad del mal" en estos términos: "es la capacidad de cometer actos objetivamente monstruosos sin motivaciones malignas específicas... los peores crímenes no requieren grandes motivos... no contienen ni ideologías, ni maldad, ni orgullo, ni envidia, ni odio o resentimiento"

---

---

La banalidad del mal reside en la ausencia de elaboración de razonamiento", es decir, es la adherencia al funcionamiento de la estructura, donde la mirada es la de un engranaje de una maquinaria, de un sistema donde la acción es la de un funcionario que cumple ordenes con escrupuloso deber y donde "El hombre se transforma en algo superfluo, un ser del montón... incapacidad de juzgar o cuestionar sus actos", donde el funcionario "...no es ni demoniaco, ni monstruoso...", sino un ser normal, un copiadore activo del mantenimiento del sistema, un contribuyente pasivo del régimen..." un contribuyente del fuego de la catástrofe, sin remordimiento.

"...La banalidad del mal, es la manifiesta superficialidad que hace imposible vincular la incuestionable maldad a ningún nivel más profundo de enraizamiento o motivación..." es decir, los ciudadanos normales siguen las costumbres, no reflexionan frente a una crisis, dejan pasar y se vuelven cómplices de la injusticia, dado que, a través del estado, los vecinos, los medios de comunicación, el cine o la radio, las costumbres se hacen buenas.

Desde este marco, es interesante RE mirar a los pobres, es decir RE mirarse, para visibilizar esa horrorosa necesidad de ser ciudadano normal, NO POBRE. Ese ciudadano que finalmente defenderá la propiedad privada del empresariado y delatará al parias, la peste, al lastre.

### **¿Cuándo el pobre se podrá poner en el lugar de otras pobreza?**

Pero debe quedar claro, que no pienso con palabras, es más bien imposible pensar en palabras ordenadas, frases coherentes, ideas fijas, por lo que no habrá ninguna posibilidad de que se presente lo que pienso, con esa certeza científica que se espera. Incluso para llegar a explicar esto debí esforzarme para no traicionar lo que fue.

Si es que dices "Que linda es la Claudia" ese no es mi problema, lo que demuestras es la parálisis de tu mente; yo no soy linda ni tuve que serlo jamás. Soy una travesti que lleva a la práctica una poesía horrorosa, soy una terrorista horrorista. Me niego a creer que es mentira, que todo lo que me hace monstruosa, no sea mi identidad.

¿Quieren Show?

¿Quieren reírse de mí?

¿Quieren burlarse de mi historia?

¿Quieren reírse de mi sida?

¿Quién convenció a los pobres, de que lo que quieren es show?

### **¡Los pobres no quieren show!! ¡Lo que quieren los pobres es justicia!!**

Ser horrorista es asumirse un caballo de Troya, un retrovirus, un traslape, un mestice.

El acontecimiento escandaloso es querer ser un ciudadano ordinario.

Mi peor enemigo será todo pobre que defienda a los ricos.

Los pobres no saben que son poesía porque ningún rico se los ha dicho y no escuchan a las poetas pobres.

¿Por qué los pobres se hacen parte de la dominación totalitaria?

Mi principal enemiga será toda travesti que desconozca y niegue que es pobre.

Si un pobre es incapaz de ponerse en el lugar de otro pobre ¿Cómo lo hará la multitud?

Los pobres que me traicionan son los que no fuerzan los límites.

Mi principal enemiga será toda mujer y lesbiana que defienda las costumbres y la propiedad privada.

---

---

Hay pobre que se hacen de comodidades banales.  
¿Cuánto niños han matado los pobres?  
Al poto le gustan los pobres  
Hay pobres que hoy ocupan puestos de poder.  
Hay hombres homosexuales pobres en el gobierno que toman decisiones en contra de los derechos sexuales de toda una multitud de pobres.  
Hay homosexuales pobres que dominan y controlan a multitud de comunidades empobreciéndolas.  
Hay pobres que no educan, ni dejan educar.  
Hay pobres que se avergüenzan de los pobres.  
Hay pobres homosexuales que se avergüenzan de otros homosexuales pobres.  
Hay pobres que se avergüenzan de la pobreza.  
Hay estudiantes que odian a las mujeres.  
Hay pobres que no reconocen más que su propia pobreza.  
Hay pobres que se pintan la boca pero no son travestis pobres.  
Hay pobres que son mujeres y abortan.  
A los pobres les gusta el poto.  
Los pobres quieren odiar pero tienen miedo.  
Hay pobres que son arte.  
Hay pobres que no son mujeres y no pueden abortar.  
Hay pobres que son mapuches y no luchan por sus tierras.  
Hay pobres que quieren hablar del hambre de los pobres que no escuchan.  
Hay pobres y niños que viven en la calle.  
¿Puede haber pobres que acumulen pobreza?  
Hay pobres que solo ven por un ojo.  
La marginalidad es arte.  
Hay pobres que limpian la ciudad con la lengua.  
Hay pobres que no se miran al espejo.  
Los pobres somos mayoría.  
Los pobres someten a los pobres.  
Hay pobres que no rayan las murallas.  
Hay pobres que nunca fueron cualquier pobre, sino que fueron descendientes.  
Hay pobres que matan a los pobres.  
Solo los pobres podrán salvar a los pobres.  
Hay pobres que no se ven.  
El metro está lleno de pobres que no se ven a la cara.  
Hay tumbas pobres llenas de flores.  
Hay pobres que odian.  
Hay pobres que no quieren caminar.  
Los pobres no solo son hombres, también son mujeres y mapuches, y trabajadoras y lesbianas y homosexuales y travestis y niñas y migrantes y anarquistas y cristianas y personas que no pueden marchar.  
Hay pobres y perros callejeros.  
Hay pobres que olvidan.  
Hay pobres que no saben escribir.  
Hay pobres que viven con SIDA  
Hay pobres que estan matando.  
Hay pobres que violan a los pobres.  
Hay pobres resentidos como yo.

---

---

Hay pobres que les mienten a los pobres.  
Hay pobres comunistas que les roban a los pobres.  
Hay pobres acomodados en la iglesia.  
Hay pobres apitutados en el gobierno.  
Hay pobres que no les roban a los ricos.  
Hay pobres que no dejan nunca de ser pobres.  
Hay pobres que están malditos.  
Hay pobres que no quieren dejar de reír.  
Hay pobres que murieron y están aquí.  
Hay pobres que no saben pa onde va la micro  
Hay pobres que son normales, ordinarios.  
Hay pobres que no pueden caminar.

El horrorismo es pensarse antes de que te piensen.  
Quien dijo que los pobres necesitan show?  
Quien dice que los pobres quieren show?  
Los pobres quieren justicia.  
Por los pobres los ricos no necesitan defensa.

“Que ni un pobre deba ser normal”

CLAUDIA RODRÍGUEZ

---





dissidência sexual, políticas nômades e anti-humanismo